

Réquiem para uma Rádio. Por Bárbara Villa.

Olá, leitores.

Lamento a ausência prolongada, esse texto deveria ter ido ao ar ainda em 2021, um ano especialmente duro para muitos de nós e especialmente para a Cultura. Nessa seara, retorno com um fato local: o aparelhamento e desmonte da Rádio Educativa do Paraná. Então, o tema é comunicação pública, mas não só.

Para quem não sabe, o estado do Paraná é governado por Ratinho Jr., herdeiro e sucessor do Ratinho Pai (Carlos Roberto Massa), dono e Fundador da Rede Massa (canal 4 - TV afiliada ao SBT) e *persona* midiática de rádio e TV, também com passagem pela política, tendo sido vereador nas cidades de Jandaia do Sul e Curitiba (anos 1970 e 80), além Deputado Federal pelo Paraná, nos anos 1990.

O Artigo 54 da Constituição Federal de 1988 proíbe, entre outras coisas, que deputados e senadores sejam titulares de concessões de rádio e TV. Sim, porque os verdadeiros **donos** dos canais, por incrível que possa parecer, somos nós, e a mistura de política com canais de comunicação configura um forte conflito de interesses, não é mesmo?

No entanto, o que podemos observar é que se naturalizou o contubérnio entre políticos e mídia em escala nacional. O Coletivo Intervozesⁱ mapeou que em 2018 pelo menos 34 candidatos eram titulares de concessões de rádio e TV, e o Paraná, ainda que indiretamente, não é uma exceção.

Ratinho Jr. (Carlos Roberto Massa Jr.) tratou de transformar a emissora de TV do estado, a TV Educativa na “TV Paraná Turismo”, ainda no primeiro ano de seu mandato. Sem querer desmerecer os atrativos do nosso estado, um canal público de televisão tem que estar comprometido com algo mais que turismo interno. A TV tem apenas 7 horas de programação local por semana, deixou de retransmitir a TV cultura de São Paulo, e agora preenche a grade com a programação da TV Brasil – e isso nem é o mais triste.

Réquiem para uma Rádio

Foi nas ondas de rádio que o desmonte da comunicação pública foi mais profundamente sentido por mim. Ouvinte da FM 97.1 desde sempre, fui notando uma gradativa homogeneização da grade, seguida por reações de indignação cada vez mais perceptíveis por parte da classe artística local, até ser informada que em outubro de 2021 a maioria dos programas autorais havia sido descontinuada.

Detalhe: a atual gestão da rádio não se preocupou em avisar, consultar ou dar qualquer satisfação aos ouvintes, e eu, ao realizar a pesquisa para elaboração desse artigo, soube com pesar que muitos dos apresentadores e produtores também foram surpreendidos pela decisão da rádio de suspender seus programas, sem nem mesmo uma reunião ou conversa.

A Rádio Educativa do Paraná (que pelo menos continua educativa no nome) sempre contou com um pequeno rol de ouvintes fiéis. A voz é um veículo que transmite muita intimidade a familiaridade, mesmo em sua versão não musical. As locutoras Betina Mueller, que esteve 27 anos na rádio, e Rogéria Holtz, são pessoas que eu não conheci mas cuja presença era uma constante em nossa casa. Essas relações de afeto construídas ao longo dos anos fazem parte do patrimônio cultural e devem ser respeitadas como tal.

A rádio sempre prezou pela adesão e divulgação de artistas e eventos locais, e parcerias com especialistas de universidades e orquestras. Alguns dos produtores nem sequer recebiam pelas suas produções, atuando no conhecido nível do “amor à arte”. Em suma, a rádio cumpria o papel de formação de plateia, com uma gama variada de programas que incluía música clássica e instrumental, jazz, programas experimentais e temáticos.

Em nossa casa sempre escutamos a rádio Educativa em **surround**. Todos os aparelhos da casa (e o do carro) ficavam ligados na rádio. Quantas vezes saí do meu quarto para a sala e continuei escutando o mesmo som. Isso se chama formação de público. Tenho quase 40 anos e posso dizer que cresci ouvindo a rádio educativa, o que muito agradeço.

Nos últimos anos, no entanto, e principalmente nos últimos meses, passamos a desligar a rádio, primeiro eventualmente e depois com mais frequência, porque ficou impraticável ficar escutando propaganda institucional e versões *lounge* de clássicos da MPB 24 X 7.

O Lugar do Clássicos

Os apreciadores de música clássica e erudita foram os principais prejudicados com o choque de gestão praticado na rádio. O desmonte começou arrastando os programas menos comerciais para horários impraticáveis. Os maestros Harry Crowl e Osvaldo Colarusso, por exemplo, foram vítimas da medida, e, cada vez mais escanteados, acabaram por deixar a rádio.

Harry Crowl, compositor, musicólogo e professor, produzia e apresentava os programas “Sacro e Profano”, com foco na música religiosa medieval e como ela influencia também os gêneros profanos, e “Clássicos da Atualidade”, que apresentava música de concerto contemporânea. Detalhe, o maestro trabalhava para a rádio sem receber um tostão e seus programas eram verdadeiras aulas.

Osvaldo Colarusso, que estava na rádio desde 1998, foi responsável por diversos programas, que explicavam a história da música clássica e das óperas. Perdemos “Grandes Ciclos da História da Música” e “Falando de Música”, que iam ao ar às terças e sextas, 20:00 h, um horário bastante nobre. Anteriormente, os programas

“Ópera na íntegra” e “O Maestro Explica” – com peças clássicas mais populares – já haviam saído da grade.

A rádio transmitia ainda “Grandes Maestros e Suas Orquestras Maravilhosas” produzido por Noemi Osna, que ocupou as noites de domingo por 5 anos, valorizando a informação sobre os músicos, formações instrumentais e composições. Noemi também comandava o programa “Choro Vivo”, que divulgava a história e tendências do choro.

“Instrumental e Tal”, produzido por José de Mello, ia ao ar nas noites de segunda, trazendo sonoridades e estilos muito raramente encontrados nas rádios comerciais.

O programa “Tempo de Jazz”, produzido por Osvaldo Hoffmann era um bálsamo no horário das 18:00 h, entretendo e refinando ouvidos maltratados pelo *rush*. Perdeu a locutora, passou para o horário das 24:00 h e saiu do ar sem maiores explicações, dando lugar a musicais “mais animadas” que, embora bem escolhidas, já encontram espaço nas grades de outras rádios e emissoras.

O “Cena Jazz”, de Maurício Cruz, foi um dos programas dedicados ao gênero na rádio, apresentando jazz em sua dimensão multicultural, com faixas de todas as regiões do mundo e também da cena local. Atualmente, o jazz nacional e internacional têm apenas duas horas de espaço na programação, curiosamente transmitidas às 22:00 h de sábado.

Latinidades y otras cositas más

Um dos golpes mais contundentes foi dado com a supressão de programas dedicados aos ritmos latinos e outras expressões musicais do mundo. Considero que o espaço à pluralidade cultural deve ser um dos princípios norteadores de qualquer veículo de comunicação pública, democratizando a difusão e o acesso de materiais dificilmente encontrados no fluxo da indústria musical do *mainstream*.

Um dos programas cancelados recentemente, foi o “Tanguería”, conduzido pelo músico argentino Alejandro Di Núbila, que trazia referência do icônico ritmo do país vizinho e esteve por 10 anos no ar. Alejandro foi um dos radialistas que nem sequer foi formalmente comunicado a respeito do seu desligamento, o que mostra como a atual administração da rádio é duplamente covarde.

Algo parecido aconteceu com o professor e doutor em Música, Edwin Pitre Vásquez, responsável pelo programa “Tropicana Cultural – Déjala que siga... y no la pares”. As canções eram quase todas altamente *bailables* e perdi as contas de quantos almoços em família foram embalados pelos deliciosos ritmos transmitidos todos os sábados, às 15:00 h. O programa foi descontinuado sem que ao menos houvesse uma reunião com a nova diretoria.

Ainda dentro do contexto da música latina, perdemos ainda o maravilhoso “Venas Abiertas”, de Geraldo Pilo, que foi ao ar por 16 anos, sempre aos domingos às 10:00

h da manhã. Esse programa trazia diversas influências da América hispânica, desde a Patagônia até o norte do México, destacando as peculiaridades e universalidades da música latina e sua relação com outros movimentos políticos e culturais.

Vale enfatizar que, enquanto os países do Mercosul consomem com certa regularidade a música Brasileira, de Tom Jobim a Anitta, passando por Vinny e Roberto Carlos, o contrário quase não acontece a nível nacional. Nomes de grande popularidade e influentes na indústria musical, como o uruguaio Jorge Drexler e a mexicana Julieta Venegas conseguem alguma penetração, e mesmo assim, principalmente nas rádios públicas.

A música de muitas outras origens também teve seu espaço na rádio. Programas muito específicos (ou de nicho) conseguiam acolher as expressões musicais tão diferentes como as da tradição judaica, no programa "Kolot", música indiana em "Anahata", o flamenco estava presente no delicioso "Arte Nômade". "Benvenuti", parceria com o instituto Dante Alighieri, trazia populares canções italianas e dicas culturais, enquanto "Intercâmbio – a música sem fronteiras", apresentava artistas estrangeiros cantando canções nacionais e artistas brasileiros cantando clássicos e escondidas pérolas internacionais.

Música, Teatro, Literatura e Cinema

A FM 97.1, Rádio Educativa do Paraná, também contava com programas que faziam um elo entre diferentes manifestações culturais. "Poemoda", produzido por Noemi Osna, jornalista especializada em Música Popular Brasileira, fazia uma abordagem literária do cancionário nacional.

O "Então Foi Assim", de Rui Godinho, que foi ao ar de 2015 a 2021, contava os bastidores da criação das canções mais icônicas da história nacional. Os últimos episódios do programa estavam sendo veiculados às 4 horas da manhã de domingo, mas já esteve na prestigiada faixa dos sábados às 17:00 h, sempre revelando os sentimentos e situações que deram corpo às obras de grandes compositores brasileiros.

Cyro Ridal, que foi por muitos anos um dos coordenadores da rádio, apresentava com seu personagem Jack Shadow o programa "Música Oculta". Seus "sons fora da lei" incluíam segmentos teatrais, poesia e música internacional.

O afastamento de Cyro Ridal foi um dos movimentos mais drásticos em direção à completa desfiguração da *persona* da rádio, construída ao longo de décadas de uma programação coerente, ainda que diversificada. A identidade da rádio é o que permitiu estabelecer um forte e duradouro vínculo com ouvintes. Essa relação foi solenemente ignorada pela atual gestão.

Cyro era um dos produtores que conseguia "infiltrar" músicas internacionais na programação da rádio, através de programas como "Caminhos do Folk". Osvaldo Hoffman Filho conseguia algo semelhante com o "Encruzilhada – Caminhos do

Blues” que atualizava os ouvintes nesse gênero seminal e com diversos entrelaçamentos culturais.

“RadioCaos”ⁱⁱⁱ era um programa fiel à tradição teatral e literária da cidade de Curitiba, com muitas inserções dramáticas e não necessariamente agradáveis, inclusive frequentemente perturbadoras. “O programa mais mal-educado das rádios educativas” segundo seus criadores esteve mais de uma década no ar, tendo sido objeto de teses de mestrado e considerado pelo jornal carioca O Globo como uma das dez razões para ouvir rádio no Brasil. O programa continua existindo *online* e é retransmitido por algumas boas rádios nacionais.

“Som e Fúria” ocupava a faixa nobre de sábado à noite, com apresentação de Luciane Figueiredo e César Sarti. Sem compromisso com gêneros específicos, o programa valorizava as trilhas para teatro e privilegiava a qualidade das interpretações em seleções bastante dramáticas.

“Cinemaskope”, que ia ao ar aos domingos 22:00 h, trazia a fusão entre música e cinema, explorando trilhas sonoras nacionais e internacionais selecionadas, com muita informação e conversa. Ficou 25 anos no ar e era Produzido Osva Dias de Siqueira Filho por Tiomkin, falecido em 2021, antes da onda de demissões na emissora.

“Sinestesia”, apresentado por Luciano Coelho, ocupou o espaço, assumindo dignamente a proposta e o horário, mas seu programa também foi interrompido em outubro de 2021.

Os “Especiais 97.1” que se debruçavam sobre a vida e a obra de artistas específicos e faziam a minha alegria aos sábados ficou no ar por 6 anos, com nomes de A a Z. Com seleção musical de Sergio Prado e apresentação de Rogéria Holtz, também foi descontinuado em 2021.

O programa “Música Para”, de Fernando Muraro, prometia (e entregava) “sons inesperados para o seu cotidiano”. Enquanto Sérgio Silva, falecido em março do ano passado, comandou por 20 anos o programa “É disco que eu Gosto”, que apresentava álbuns completos, um anacronismo considerando que hoje a maioria dos lançamentos se dá no formato *single*. Os “discos” nos permitem apreciar a música de uma forma diferente de quando escutamos as faixas de forma independente.

A boa notícia é que nem tudo está perdido: esses e muitos outros programas podem ser acessados, ouvidos e baixados no próprio *site* da rádio. Então, se você é um dos ouvintes saudosos da nossa peculiar “era de ouro da rádio 97.1” pode conferir (e inclusive filtrar por programa) a antiga programação em:

<http://www.paranaeducativa.pr.gov.br/modules/debaser2/index.php?audiovideo=1&genreid=0>

A Rádio Hoje

Justiça seja feita: a 97.1 ainda é a melhor FM da cidadeⁱⁱⁱ. (Na minha opinião). A seleção das músicas é boa, apesar de genérica, e a atual programação destaca e privilegia bastante as bandas e artistas locais, o que com certeza atende a uma parcela da classe artística, dando espaço para a cultura produzida no estado, o que com certeza é uma das funções de uma rádio pública.

É importante registrar que a cultura é “multicanal” e, portanto, a rádio educativa pode também trazer cultura **para** os paranaenses, mesmo que não tenha sido produzida **por** paranaenses. A programação é quase que exclusivamente nacional e inclui grandes sucessos em diferentes versões. Nada contra esses estilos e ritmos, mas esse tipo de música já tem espaço nas rádios comerciais. Uma rádio pública deve ser um instrumento de fomento, e a não-necessidade de manutenção de anunciantes deveria ser liberadora, expandindo os limites do que pode ser transmitido, liberado da pressão da audiência. Mesmo sem os números em mãos, eu ousou dizer que a rádio provavelmente perdeu ouvintes nesse último ano.

Embora hoje os serviços de *streaming* nos permitam escutar virtualmente qualquer música, gosto de pensar no rádio como uma curadoria musical especializada, e é isso que os programas citados faziam. A rádio nos apresenta sons que jamais teríamos escolhidos por nossos próprios meios. A sofisticação dos sentidos e a abertura para novas perspectivas deveria ser um dos piladores da educação e da cultura.

A programação atual é bastante genérica, MPB, clássicos na música brasileira, apontados no *site* da rádio como “aquela faixa para cantar junto” traz, como diz, músicas que já estão sedimentadas e não precisam de fomento.

Além dos artistas locais, a rádio cumpre com a função de divulgar eventos, notícias favoráveis e bate-papos com personalidades paranaenses.

Dos gêneros cobertos pela antiga programação, sobraram apenas duas horas de jazz no sábado à noite, uma hora de Choro às 7 da manhã de domingos.

“Samba de Bamba”, apresentado nas manhãs de domingo por Rodrigo Browne, tem mais de 25 anos de existência e foi um dos poucos programas autorais sobreviventes do passaralho que se abateu sobre a rádio.

O início do fim

Desde que o atual governador assumiu o governo, a rádio pública do estado se tornou um veículo institucional da atual gestão, com programas de jornalismo oficial e vinhetas *goodvibes*.

A desculpa oficial para o encerramento dos programas e desligamento de todo um pessoal com décadas de casa é que faltava um vínculo legal apropriado entre a rádio

e os produtores – careciam os critérios que indicassem isonomia. O TCE do Paraná considerou, no entanto, irregular a “demissão” dos funcionários.

Essa ameaça sempre pairou sobre a cabeça dos que trabalhavam por cachê, mas os administradores anteriores conseguiram entender que mais valia manter as cabeças pensantes da rádio a comprometer uma programação consolidada que contava com ouvintes fiéis.

Os colaboradores saíram sem rescisão e sem a menor consideração, olho-no-olho ou aperto de mão. O trabalho construído ao longo de tantos anos simplesmente não foi levado em consideração, no que eu considero um verdadeiro crime contra o patrimônio cultural paranaense.

Ah, mas o que os Ratinhos têm a ver com isso mesmo?

Procurando encerrar o texto (jamais a discussão), volto ao início: o desmanche da rádio, capitaneado pelo secretário do atual governador e seus respectivos aspones em tudo tem as digitais de quem se habituou a ser o chefe de empresas de rádio e TV. Estamos assistindo à SBTização da rádio, ao manejo privado da *res publica* e isso fere os princípios da administração mais do que qualquer formalidade de RH. Ponto.

ⁱ <https://intervozes.org.br/politicos-donos-da-midia-levantamento-do-intervozes-em-10-estados-denuncia-pratica-ilegal-de-candidatos-que-sao-proprietarios-de-canais-de-radio-e-tv/>

ⁱⁱ <https://radiocaos.com.br/>

ⁱⁱⁱ <https://www.paranaeducativafm.pr.gov.br/Pagina/Programacao>